

A cegueira dos ciclopes. Trecho de uma tradução em andamento de *Ulisses*, de James Joyce

Tradução de Diego Aguiar Vieira¹

Apresentação

O pequeno trecho selecionado para essa apresentação é, na minha opinião, um dos mais violentos de um romance repleto de violência. Ainda que esta não seja a palavra mais usada ao se referir a *Ulisses*, a violência está presente em vários aspectos do texto. Do etarismo (P.C.V.: pé na cova), passando pelo machismo e o antissemitismo (sofrido por Leopold em vários momentos, mas acentuado neste excerto), até a iminente ameaça de guerra – não apenas a Primeira Guerra Mundial, pela qual o autor passou escrevendo esse romance, mas também a Segunda, cujo prenúncio pode ser sentido em vários momentos, inclusive no ódio sentido por um dos frequentadores do bar em relação a Bloom e aos judeus em solo irlandês. Fállico, com um só olho, tomado do tesão atávico da violência, o Ciclope deste capítulo recusa tudo o que é diferente².

Já Joyce, igualmente caolho e másculo, estava - ao menos parece que sim - consciente a todo momento de que sua grande epopeia de um dia só (cujo semblante tomado de desejo, medo e até alienação) representava uma história da humanidade em suas diferentes facetas. Não à toa, este é um dos aspectos que sempre me chamou atenção

¹ Diego Aguiar Vieira é escritor, tradutor, editor e livreiro na Mambembe Livros. Mestre em comunicação, cultura e educação em periferias urbanas (FEBF-Uerj), traduziu autores como H. P. Lovecraft, Ambrose Bierce e James Joyce. Como editor, lançou obras de Gertrude Stein, Emily Dickinson, David Soares, além de ter resgatado a HQ Retrato Falado, de Lor, que rendeu uma indicação ao HQ Mix de melhor publicação de clássico. Também é autor de *Pássaros Artificiais*, *Macuconha*, *Crônicas de Calavera: Memento Mori*, *Locadora do Farol* e *O Apocalipse Amarelo: Uma Torre para Cthulhu* (finalista do prêmio Aberst 2024). Vive em Belo Horizonte, é casado e tem uma gata. E-mail: cronopioctaedro@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0009-0001-6852-3356>

² Tal como o ciclope fállico sonhado por Jung em sua infância, em que adentrava uma câmara secreta feita de pedra com um trono dourado onde “(...) *algo estava sentado e primeiro pensei se tratar dum tronco de árvore com coisa de três a quatro metros de altura e um de largura, enorme, chegando até o teto. Mas tinha uma curiosa constituição: feito de pele e carne exposta, e no topo uma cabeça redonda sem rosto nem cabelo. E no topo da cabeça havia um único olho, olhando imóvel para baixo... Bem sobre a cabeça... (...) Eu fiquei paralisado de medo. Naquele momento eu ouvi a voz da minha mãe vindo de cima e de fora. Ela gritava, ‘Sim, apenas olhe pra ele. Este é o comedor de homens!’ (...) Por muitas noites depois disso, eu tive medo de dormir, principalmente porque tinha medo de ter outro sonho como aquele. Esse sonho me assombrou por anos. Só muito mais tarde me dei conta de que o que vira era um falo, e isso foi décadas antes que entendesse se tratar de um falo ritualístico.*” (JUNG, Carl. *Memories, Dreams, Reflections*, tradução nossa, Vintage, 1989. p. 25-6 – com agradecimentos pelo apontamento da referência ao amigo e escritor, Lúcio Manfredi).

no romance. Até a língua é violentada aqui, transformada em algo além, num processo semelhante ao de Anthony Burgess, criando o dialeto adolescente nadsat, em *Laranja Mecânica*, ou dos cut-ups de William Burroughs e Brion Gysin.

Mitologicamente, é Pã violentando Selene: a concepção do universo por meio da violência patriarcal como meio de repelir a ascensão do matriarcado, que é a grande vencedora, no final das contas³. Em *Ulisses*, após um dia que se encerra, temos outro que nasce, agora sonhado pela mesma mulher que mal aparecera nas páginas anteriores. No famoso monólogo repleto de Sims, de Molly Bloom, não há espaço para a violência masculina: é ela quem está no controle. É ela quem gesta um novo mundo, ainda que não possamos vê-lo ao final do romance. Enquanto os homens negam (as responsabilidades, as companhias, o trabalho e até a verdade), Molly concebe positivamente o futuro, gozando e aceitando.

A presente tradução⁴, em fase final de gestação, abraça esta violência verbal e o poder de transformação.

– Esse é um costume mais levado em conta na porrada que chamando atenção.

Aí ele foi falando do mestre de armas que vinha vindo com uma bengala e que ele a ergueu e que ele mandou brasa no pobrecoitado até ele berrar pedindo pra matarem ele.

– Aí está a sua gloriosa marinha britânica, disse o cidadão, que manda em tudo. Os sujeitos que nunca serão escravos, com a única assembleia hereditária nessa terra de Meu Deus e a terra deles tá nas mãos duma meiadúzia de javalis caçados e barões do algodão. Esse é o império que tira o couro dos nossos trabalhadores e estala o chicote nos servos.

– E onde o sol nunca se põe, disse Joe.

– E que tragédia que é, disse o ditocujo, eles acreditarem nisso. Os brutos azarados acreditam nisso.

Eles creem no vagadeus, poderoso mortificador, criador do inferno na Terra, e em Jerus Crispim, o filho da fruta, concebido em pecaminosa jactância, nascido duma batalha

³ Babalon cavalgando a Besta, deusa celestial e sua força animal e caótica, como visto em baralhos de tarô, comumente no arcano de número onze. Não à toa, Aleister Crowley (1875-1947), junto da artista Lady Frieda Harris (1877-1962), ao restituir as figuras da Força e da Justiça a seus devidos lugares, respectivamente nas posições VIII e XI do tarô, anteriormente invertidas na interpretação de A. E. Waite (1857-1942) e Pamela Colman Smith (1878-1951), e mudando seus nomes para Ajustamento e Luxúria, colocaram a figura da grande prostituta da Babilônia, presente no final da Bíblia cristã, como um arquétipo do meio na jornada dos arcanos maiores do tarô. Para eles, o eterno duelo entre masculino e feminino, apresentado como parte do Apocalipse entre os cristãos, deveria ser visto como o começo de algo novo: a retomada do matriarcado.

⁴ Texto-fonte: Wordsworth Classics, 2010, pp. 297-303.

naval, padecido na bunda e nos quartos, foi escarificado, esfolado e currado, gemeu igual um porra, no terceiro dia levantou de novo da cama, foi levado ao porto, foi amarrado à carga até segunda ordem onde vai trabalhar de sol a sol pra receber um vintém.

– Mas, disse Bloom, a disciplina não é a mesma em todos os lugares? Quer dizer não ia ser a mesma coisa aqui também se você enfrentasse algo?

Num te falei? Por essa cervejinha aqui que eu tô bebendo eu disse que ele tava perdendo o juízo e que ia tentar te convencer você que morrer era igual a viver.

– Vou enfrentar algo, disse o ditocujo. Nós temos nossa grande Irlanda oceanafora. Eles estão saindo de casa e de seus lares desde o 47 negro. Suas cabanas de pauapiquê e suas baias construídas na beira da estrada agora foram colocadas abaixo na base da porrada e o *Times* lavou suas mãos e disse aos saxões branquelos que logo haveriam poucos irlandeses na Irlanda igual os pelesvermelhas na América. Até os turcos mandaram suas piastras pra cá. Mas os sassench tentaram matar essa nação de fome enquanto as terras estavam cheias de coisas que as hienas britânicas tinham plantado e trazido e vendido no Rio de Janeiro. Aí, eles expulsaram os camponeses aos montes. Vinte mil deles morreram naqueles caixões. Mas aqueles que vieram pra terra da liberdade lembram-se da terra da camaradagem. E eles vão volta e com uma vingança, sem medo, os filhos da Granuaile, os campeões de Kathleen ni Houlihan.

– Absolutamente verdadeiro, disse Bloom. Mas o meu ponto é que...

– Tem um bom tempo que estamos esperando por esse dia, cidadão, disse Ned. Desde que a pobrecoitada da velha nos contou que os franceses estavam no mar e que tinham atracado em Killala.

– Issaí, diz John Wyse. Nós lutamos pelos Stuart reais que nos renegaram contra o Wiliamitas e eles nos traíram. Lembra do Limerick e o acordo de pedra. Nós damos nosso sangue na França e na Espanha, os gansos selvagens. E Fontenoy? E Sarsfield e O'Donnel, dique de Tetuan na Espanha, e Ulisses Browne de Camus que era um milico de Maria Teresa. Mas o que é que a gente já ganhou com isso?

– Os franceses! diz o cidadão. Um palco de mestres dançarinos! Cê sabe o que é isso? Eles nunca mereceram nem um peidinho da Irlanda. E agora eles tão tentando fazer um *Entente cordiale* no aniversário do Tay Pay com a pérfida Albião? Maluquice europeia é o que isso sempre foi.

– *Conspuez les Français*, diz Lenehan, balançando sua cerveja.

– E quanto a esses prussianos e esses hanoverianos, disse Joe, a gente já não teve o bastante desses comedores de salsicha fisdaputa no trono do Jorge príncipeleitor até o sujeito alemão e aquela puta velha peidorreira que bateu as botas?

Jesus, eu tive que rir do jeito que ele me saiu com aquela doidinha cheia de piscapiscas nela caindo de trêbada no seu palácio real toda noite juro por Deus, Vitão velho de guerra, com uma jarrona de orvalho da montanha e o cocheiro carcando ela que nessa altura é só pele e osso rolando na cama com ela pegando ele pelas suíças e cantarolando pra ele umas modinhas de *Ehren no Reno* e tocando pr'onde a birita é mais em conta.

– Bem, disse J. J. Agora nós temos Eduardo o pacificador.

– Vai fazer outro de trouxa, disse o ditocujo. Aqueles zêbuceta tão com mais piolho que chato. Eduardo de Guelph-Wettin!

– E o que que cê acha, disse Joe, dos meninos santos, os padrecos e bispos da Irlanda se ajeitando lá pros lado de Maynooth com Sua Satânica Majestade com suas cores de corrida e pendurando quadros de todos os cavalos que seus jóqueis cavalgam. O conde de Dublin, nada menos que isso.

– Ele devia ter pendurado as de todas as potrancas que ele cavallhou, disse o pequeno Alf.

E disse J. J.:

– Considerações sobre o espaço influenciam nas decisões de Vossa Excelência.

– Vai tomar mais uma, cidadão? disse Joe.

– Sim, senhor, disse ele. Bora lá.

– E você? disse Joe.

– Saúde pra você, Joe, disse eu. Que a sua sombra nunca diminua.

– Repete a dose, disse Joe.

Bloom tava falando sem parar com o John Wyse e ele tava todo alegrinho com aquela caneca cordeburroquandofoque que ele tava segurando e aqueles olhos de ameixa dele correndo pra todo.

– Perseguição, diz ele, a história do mundo todo é cheia disso. Perpetuando o ódio nacional pelas outras nações.

– Mas cê sabe o que uma nação quer dizer? disse John Wyse.

– Sim, disse Bloom.

– E o que que é? disse John Wyse.

– Uma nação? disse Bloom. Uma nação é uma gente toda vivendo num mesmo lugar.

– Pelamor de Deus, então, disse Ned, cascando o bico, se é assim então eu sou uma nação porque eu tô vivendo no mesmo lugar tem cinco anos.

Aí é claro que todo mundo riu do Bloom e ele disse, rolabosta rolando?

– E também vivendo em lugares diferentes.

- E assim eu encerro meu caso, disse Joe.
- Qual que é a sua nação se me permite perguntar, disse o ditocujo.
- Irlanda, disse Bloom. Eu nasci aqui. Irlanda.

O cidadão não diz nada só limpa o catarro da garganta e, pelamor, ele deu uma cusparada que era uma ostra inteira e foi parar lá no canto.

- Pode ir na frente, Joe, disse ele, pegando um guardanapo pra se secar.
- Ó você aqui, cidadão, disse Joe. Segura isso aqui com a mão direita e repete depois de mim.

O benhentesourado e intrincadamente embonecado velho irlandês com caradebunda atribuiu a Salomão de Droma e Manus Tomaltach og MacDonogh, autores do Livro de Ballymote, que era feito com cuidado e era digno de grande e prolongada admiração. Nem tem razão pra ficar nessa lamentação toda a respeito das belezas lendárias de canda cantinho, o apogeu da arte, onde se dá pra distinguir claramente cada um dos quatro evangelistas virando-se para apresentarem para os quatro mestres seus símbolos evangélicos num lamaçal de carvalhos, um puma norte-americano (um rei bestial bem menos nobre que o artigo britânico, diga-se de passagem), um vitelo Kerry e uma águia dourada de Carrantuohill. As cenas descritas no campo emunctório, nossos *duns* e *raths* e nossos solares e assentos do saber e pedras malfadadas, que são tão estupendamente belas e tem pigmentos tão delicados quanto quando os luminares Sligo que soltaram as rédeas de suas fantasias artísticas muito tempo atrás no tempo dos Barmecidas. Glendalough, os admiráveis lagos de Killarney, as ruínas de Clonmacnois, a Abadida Cong, Glen Inagh e as Doze Pilhas, o Olho da Irlanda, os morros esverdeados de Tallaght, Croagh Patrick, a cervejaria dos senhores Arthur Guinness, Filho & Co (LTDA), os bancos de Lough Neagh, o vale de Ovoca, a torre de Isolda, o obelisco Mapas, o hospital de Sir Patrick Dun, Cabo Claro, a ravina de Aherlow, o castelo de Lynch, a casa escocesa, a sede do sindicato de Rathdown, a cadeia de Tullamore, os ágeis de Castleconnel, Kilballymacshonakill, a cruz de Monasterboice, o Hotel Jury, o Purgatório de São Patrício, o Pinote do Salmão, o refeitório escolar de Maynooth, o buraco de Curley, os três locais de nascimento do primeiro duque de Wellington, a rocha de Cashel, o lavabo de Allen, o armazém da rua Henry, a caverna de Fingal – tudo isso são cenas em movimento que ainda estão por lá nos esperando hoje em dia retribuindo ainda mais beleza pelas águas do arrependimento por onde passaram pelas ricas encrustações do tempo.

- ‘Xovê essa biritá aí, disse eu. Qual que é qual?’
- Essa é a minha, disse Joe, como disse o capeta pro polícia.
- E eu também pertenco a uma raça, disse Bloom, que é odiada e perseguida.

Ainda agora, nesse mesmo instante. Agora mesmo.

Cruzcredo, que ele quase queima os dedos com a bituca velha do cigarro.

– Roubado, diz ele, Saqueado. Insultado. Perseguido. Pegando as coisas que nos pertencem por direito. Nesse mesmo instante, diz ele, levantando o punho, vendido num leilão no Marrocos igual que fossem escravos ou gado.

– Cê tá falando da nova Jerusalém? diz o cidadão.

– Estou falando de injustiça, diz Bloom.

– Tá certo, disse John Wyse. Se põe contra isso então com força igual um homem faz.

Tem um calendário aqui pra você. Marca ele na bala. A velha fuçadeporco se levantando só pra tomar um teco. Nossa Senhora, ele ia enfeitar que é uma beleza igual um pincel, ia sim, se tivesse pelo menos um avental de enfermeira com ele. E aí ele desaba do nada, se contorcendo todo, estropiado igual um pano de chão.

– Mas nem vale a pena, diz ele. Força, ódio, história, isso tudo. Isso não é vida pra homens e mulheres, insultos e ódios. E todo mundo sabe que é bem o oposto disso que é a vida de verdade.

– Quê? diz Alf.

– O amor, diz Bloom. Quer dizer, é o oposto do ódio. Preciso ir agora, diz ele para John Wyse. Só até a esquina do fórum um momentinho pra ver se o Martin tá lá. Se ele aparecer, diz pra ele que eu já volto. É rapidinho.

Quem tá te segurando? E igual uma pipa que encontra o cerol ele se escafedeu.

– Um novo apóstolo para os gentios, disse o ditocujo. Amor universal.

– Bem, diz John Wyse, não é o que nos disseram? Ame os seus vizinhos.

– Aquele cara? diz o cidadão. Só serve se for pra pedir esmola pro meu vizinho.

Amor, *Moya!* Ele tem um jeitinho bacana assim de Romeu e Julieta.

Amor ama amar o amor. Enfermeira ama o novo boticário. Guardinha 14A ama Maria Kelly. Gerty MacDowell ama o menino que tem a bicicleta. M. B. ama um sujeito justo. Li Chi Han ama dá uns beijim Cha Pu Chow. Jumbo, o elefante, ama Alice, a elefanta. O velho senhor Verschoyle com a corneta acústica ama a velha senhora Verschoyle zarolha. O homem casacudo ama uma dama que está morta. Sua Majestade ama o Rei que ama Sua Majestade a Rainha. A senhor Norman W. Tupper ama o oficial Taylor. Você ama um certo alguém. E essa pessoa ama aquela outra pessoa porque todo mundo ama alguém mas Deus ama todo mundo.

– Bem, Joe, digo eu, à sua boa saúde e as canções. Manda mais, meu camarada.

– Oopa, guentaí, diz Joe.

– Minha Nossa Senhora e meu Pai e o Patrício todo procê, diz o ditocujo.

E ele levanta o caneco pra molhar o bico.

– A gente manja desses viracasaca, diz ele, dando a benção com uma mão e batendo a carteira com a outra. E quanto aquele santarrão do Cromwell e os capangas que cortaram a cabeça daquelas mulheres e crianças de Drogheda com a palavra da Bíblia dizendo que Deus é amor colado bem na boca do canhão? A Bíblia! Cê leu aquela zoeira no *Irlandeses Unidos* hoje sobre um chefe Zulu que tá visitando a Inglaterra?

– Que que foi? disse Joe.

Aí o ditocujo cidadão pegou aquela papelada dele e começou a ler em voz alta:

– Uma delegação de chefões magnatas do algodão de Manchester estiveram presentes ontem diante de Sua Majestade Alaki de Abeocutá por conta do Varão Doirado em Repouso, lorde Pisando Bolas, estendendo à Sua Majestade toda a gratidão aos mercadores britânicos por todas as facilidades fornecidas em seus domínios. A delegação participou de um almoço e na ocasião o potentado de tez morena, ao longo de um animado discurso, traduzido livremente pelo capelão inglês, o reverendo Anania Gloriadeus Peleosso, estendendo os melhores votos pra Massa Pisando e enfatizando as cordiais relações existentes entre Abeocutá e o Império Britânico, declarando possuir entre seus bens mais preciosos uma Bíblia iluminada, um encadernado com a palavra de Deus e o segredo da grandeza britânica, gentilmente presenteada a ele pela poderosa chefona branca, a grande dona Vitória, com uma dedicatória especial feita pela augusta mão dessa Dona Real. O Alaki então virou uma baitadose de uísque brindando ao branco e preto da caveira de seu imediato predecessor na dinastia dos Cacaquiscaquis, apelidado de Quarenta Cravos, depois de visitar a fábrica principal de Algodonópolis e fazer uma marca no livro de visitantes, subseqüentemente executando uma antiga dança de guerra abeocutana, no curso da qual ele engoliu uma série de chaves e garfos, enquanto as meninhas batiam palmas às gargalhadas.

– Viuvinha, disse Ned, eu não duvidaria dela. Me pergunto se ele usou a Bíblia do mesmo jeito que eu usaria.

– Do mesmo jeito, só que mais, disse Lenehan. E lá pros lados daquela terra frutífera uma imensidão de mangas floreira do jeito mais lindo.

– Isso é do Griffith? diz John Wyse.

– Não, diz o cidadão. Não está assinado seu Shanganagh. Só tem a inicial: P.

– E é uma bela дума inicial, disse Joe.

– É assim que funciona, disse o cidadão. O comércio vai atrás das bandeiras.

– Bem, disse J. J., se eles forem piores mesmo que só um tiquinho que aqueles belgas no Estado Livre do Congo então eles devem ser maus. Cê leu aquela reportagem dum cara cumé quié o nome dele?

– Casemente, disse o cidadão. Ele é irlandês.

– Isso, esse cara, disse J. J. Estuprando as mulheres e meninas e furando os nativos na barriga pra espremer deles toda a borracha vermelha.

– Eu sei pra onde ele foi, disse Lenehan, estralando os dedos.

– Quem? disse eu.

– Bloom, disse ele, tá dando perdido no fórum. Ele apostou uma graninha no *Jogafora* e foi lá pegar o seu cascalho.

É aquele olhobranco cafre? diz o cidadão, que nunca montou um cavalo bravo na vida?

– É pra onde ele foi, disse Lenehan. Eu encontrei o Bantam Lyons voltando pra apostar naquele cavalo mas eu dei um chegapralá nele que me disse que tinha sido o Bloom quem tinha dado a dica. Aposto o que você quiser que ele botou uns cem xelins contra cinco. Ele é o único homem de Dublin que tem coragem. Uma zebra.

– Ele que é uma zebra, disse Joe.

– Licença, Joe, digo eu. Mostra a entrada pra gente sair.

– Na sua frente, disse Terry.

Adeus Irlanda, me vou pra Gort. Aí eu fui pros fundos do quintal dar um mijão e caramba (cem xelins pra cinco) quando eu tava botando pra fora minhas (*Jogafora vinte pra um*) botando pra fora minhas tripas eu disse pra mim mesmo que eu sabia que ele tava com alguma coisa (dois canecos pro Joe e um jogado fora com o Slattery) na cabeça pra dar no pé daquele jeito (cem xelins são cinco libras) e quando eles tavam com (uma zebra) o mijão do Burke que tava me contando da zoeira com o cartão e dizendo que o guri tava doente (porra, deve ter mamado um galão) e aquela bundamole da mulher falando pelos tubos que ela é melhor ou então que ela (uou!) tinha planos e aí ele deu no pé pra praia se levasse o prêmio ou então (Jesus, eu tava altinho) vender sem licença (uou!) a Irlanda é minha nação (pruu! Puuuuuu!) nunca que ia se esquentar com aquele bosta de (prontinho tá acabando) Jerusalém (ah!) da porra.

Aí que de todo jeito quando eu voltei tava todo mundo num bateboca, John Wyse falando que tinha sido o Bloom que tinha dado a ideia do *Sinn Fein* pro Griffith colocar no jornal todo tipo de distritalismo, júris comprometidos e mexendo nas taxas por fora do governo indicando consulados pelo mundo todo só pra falar da venda das indústrias irlandesas. Roubando de Pedro pra pagar Paulo. Jesus, isso põe a porra dum ponto final

nessa história se aquele velho de olhos cansados estiver atrapalhando o espetáculo. Dá uma chance, cacete. Deus salve a Irlanda de tipinhos igual esse rato. O senhor Bloom com seu trololó tralalá. E seu velho amigo antes dele cometer fraudes, o velho Matusalem Bloom, o caixeiroviajante ladrão, que se envenenou com ácido prússico depois de varrer o país com suas bugigangas e seus diamantes falsos. Empréstimo pelo correio nas condições mais fáceis. Qualquer quantia de dinheiro na mão adiantado. Sem impedimento de distância. Nem de seguro. Deus meu que ele é igual a cabra do Lanty MacHale que vai dar suas voltinhas pela estrada com qualquer um que aparece.

